



“Histórias do Trabalho no Sul Global”

“Historias del Trabajo en el Sur Global”

“Labour Histories from the Global South”

I Seminário Internacional de História do Trabalho

V Jornada Nacional de História do Trabalho

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis

25-28 de Outubro de 2010

Três expressões do fourierismo na América do sul: a participação de Louise Bachelet, Benoit Mure e Louis Lèger Vauthier

Ivone Gallo¹

Introdução

Um tema que adquiriu destaque nas últimas décadas no âmbito da historiografia relativa ao mundo do trabalho é o da recuperação da trajetória de militantes do movimento operário cuja participação, geralmente anônima em virtude das implicações políticas de suas ações, adquiriu uma importância a ser destacada no conjunto da história do movimento operário. O grande iniciador desta discussão foi o historiador francês Jean Maitron que no curso dos anos de 1960 propôs este debate no grupo do *Le Mouvement Social*, (MAITRON, 1960) trabalho que posteriormente frutificou numa extensa pesquisa cujos resultados apareceram com a publicação do monumental *Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier français (1890-1920)* (MAITRON, 1964-1974). Desta data em diante, as abordagens iniciadas por Maitron tem servido de modelo para alavancar as pesquisas neste campo em outros países. No caso do Brasil as publicações

¹ PUC-Campinas.

neste sentido começam a aparecer revelando o amplo espectro atingido pelas pesquisas desenvolvidas em vários estados e numa cronologia mais ampla e englobando agora não apenas os aspectos biográficos desses agentes anônimos, mas o histórico de organizações dos trabalhadores. (BATALHA, 2009)

As iniciativas de pesquisa para o resgate das trajetórias destes “obscuros e ativos” (PARIS, 1985) jamais se deram facilmente em virtude dos obstáculos apresentados pela qualidade e quantidade de fontes disponíveis. A história destes sujeitos anônimos é pouco documentada e, por outro lado, em muitos casos, as informações obtidas nos chegam através da necrologia, que tende a apresentar uma visão mais emocionada e idealizada do morto, ou através da documentação oficial, na maioria das vezes eivada de um conteúdo ideológico ou de preconceito social que terminam por propalar a detração daqueles personagens. Estas dificuldades iniciais levaram os pesquisadores a buscar as fontes em que houvesse a manifestação dos próprios operários e de suas lideranças a narrar do interior das suas próprias experiências as suas histórias. (MAITRON, 1960)

Os casos que analiso aqui retomam o problema retirando-o do âmbito das experiências individuais, algo que se tornou importante para o resgate de sujeitos históricos antes submersos, e lançar essas experiências em contextos mais amplos. De fato, a extensão da militância fourierista da França para as Américas ao longo do século XIX re-insere a discussão sobre a classe operária num contexto global (LINDEN, 2008), agora numa cronologia anterior aos anos de 1860 o que desencadeia uma série de novos questionamentos a respeito da transnacionalidade do movimento operário. Sobre isto frisamos, por exemplo, a direção do interesse analítico para o caráter ambivalente do internacionalismo com base em ideologias, religiões e cultura, etnia, gênero. (LINDEN, 2008)

A trajetória da militante fourierista Louise Bachelet nos parece algo surpreendente. Pelas informações precárias de que dispomos, Louise teria saído da Europa em direção ao Uruguai na condição de jornalista no intuito de buscar informações sobre a disseminação das idéias do filósofo Charles Fourier na América do Sul. Imersa nos acontecimentos que conduziam ao poder o ditador Rosas² ela tomou conhecimento

² O relato de Bachelet foi escrito em forma de carta que, segundo nota dos editores, teria sido enviada apenas a algumas pessoas, porém em virtude de um interesse comum, “em favor da causa que é a sua, e que acreditamos bem servir”, resolveu-se torná-la pública”. As revelações de Bachelet sobre o momento em que se encontrava em Montevideo são estas: “Os meios de subsistência já começam a faltar a esta

do fato de que no Brasil se realizava uma experiência socialista nos moldes de Charles Fourier pelas mãos de operários franceses. A notícia inesperada a fez mudar os planos de sua viagem, anteriormente traçados, e rumar para o Brasil com o fim de acompanhar e relatar os caminhos do falanstério brasileiro. As informações coletadas por ela foram publicadas em forma de um relato de viagem no qual foram registrados aspectos interessantes a respeito da disseminação do fourierismo no Uruguai, bem como as impressões causadas à autora pelo movimento de idéias e pelo contexto político do Uruguai, duramente criticado no texto. Sobre o Peru traça uma avaliação esclarecida sob o ponto de vista da teoria societária de Fourier:

“O Peru, quando os espanhóis o descobriram, longe de oferecer, como o México, uma mistura de barbárie e de civilização parecia, ao contrário, escapar às condições que levam a este último período, e passar, por uma influência inexplicável das fases do edenismo e do patriarcado àquela do garantismo e do sociantismo; o governo dos Incas era completamente patriarcal. A cultura dos campos comuns por grandes massas, em proveito das viúvas, dos pobres e dos enfermos era um costume inteiramente garantista. Os hábitos eram suaves, os costumes cheios de poesia. Provavelmente, então, o povo peruano no século XVI caminhava rapidamente para o sexto ou sétimo período social, e sem a descoberta dos Espanhóis eles teriam ingressado neles naturalmente, sem atravessar as assustadoras misérias que o período civilizado arrasta com ele e no qual hoje se debate a Europa agonizante” (BACHELET, 1840, p.5-6)

Uma parte significativa da brochura é dedicada ao relato minucioso da viagem que a conduziu ao Brasil e à experiência socialista brasileira levada por operários franceses liderados pelo dr. Benoit Mure nos anos de 1840 em Desterro. Além disto, destaca-se no relato a personalidade da militância de Louise Bachelet permeada por um

população crescente, que se espreme na vila e teme se espalhar no campo. Eu tinha então, sob os olhos a miséria, a concorrência anárquica, a desmoralização, em uma palavra, todos os flagelos da fase descendente da civilização na qual nós nos encontramos (...) Tudo isto a inspirar-me um vivo desejo de finalmente deixar esta vila, e eu pensava em reunir-me a alguma caravana de viajantes que se dirigisse ao Paraguai, para dali atravessar a América do Sul e alcançar o Chile e o Peru” Na sequência do texto Bachelet tece considerações sobre a aproximação de Francia com “muitos pontos da teoria societária de Fourier”, um assunto polêmico para a historiografia relativa ao fourierismo. Cf. BACHELET, Louise. *Phalansthère au Brésil. Voyage dans l'Amérique méridionale*, Paris: Pommeret&Guenot, 1842 p.4-5 e BEECHER, Jonathan “Fourier et Francia: une lettre inedited” in *Cahiers Charles Fourier*, nº3, Besançon: Association d'Études fouriéristes, 1992. Pp.3-9.

idealismo frenético, num sentido positivo, e por uma crença inabalável na capacidade humana de transformação da realidade, inclinações muito características do século XIX. Este ímpeto a fez vislumbrar no falanstério do Saí o início de uma era de paz e harmonia, sobretudo porque o palco daquelas experiências era o Brasil, país do Novo Mundo, ainda não corroído pelos males da civilização moderna. A natureza virgem das florestas do Saí, com sua vegetação densa e beleza luxuriante tornaram-se o pano de fundo sobre o qual Bachelet desenvolveu hinos laudatórios ao trabalho, alguns deles herdados de Berranger, um renomado literato da época e entusiasta de Fourier a quem dedicou também um poema.

Numa comparação, as características dos escritos de Louise Bachelet nos reportam às diferenças marcantes com os demais relatos de viagem conhecidos e publicados até o momento sobre o mesmo período, pois nos dela não se trata de apresentar um mero *recit de Voyage* vulgarizado até como um gênero literário destinado ao simples entretenimento, uma vez que esta literatura versa sobre curiosidades da vida e dos costumes dos povos dominados pelos europeus, sempre apresentados ali como inferiores ou bárbaros e cercados pelo exotismo. Na visão de Louise Bachelet, ao contrário, reside uma crítica contundente aos vícios das civilizações européias que despertaram nela uma representação do Brasil e da América meridional como os lugares a partir dos quais poderia ser realizada uma nova história, agora regenerada e recomeçada, para toda a humanidade, como bem expressou nos versos *Partons, partons pour la terre promise/Il faut un nouveau monde à des destins nouveaux*³. Notamos então, a hipótese do texto ter sido dirigido não propriamente ao registro dos acontecimentos que testemunhava, mas com um ímpeto propagandista do ideário socialista e quiça formador no bojo do movimento operário, isto é, preparando os operários para a experiência em curso de um falanstério no Brasil. Tudo isto desperta em nós inclusive, o interesse em abordar o universalismo presente no socialismo da primeira metade do século XIX a partir da emancipação da classe operária, da mulher e dos pobres e desempregados, na qualidade então, de uma forma de Internacionalismo própria da primeira metade do século XIX.

³ Vamos, vamos para a terra prometida/Precisamos de um novo mundo com novos destinos. BACHELET, op.cit. p.8

Em estudos sobre o período podemos pinçar a participação de mulheres nos principais acontecimentos que marcaram a época, como as barricadas das revoluções de 1830 e de 1848, as ações de militantes sansimonianas como Simone Voilquin e a própria manifestação na imprensa das vozes femininas na luta por um reconhecimento, ao lado dos homens, de papéis importantes desempenhados nas transformações históricas. Algumas destas mulheres abandonaram seus países de origem nesta busca, como a própria Bachelet, Adèle Toussaint, Simone Voilquin e as incontáveis anônimas, oriundas do mundo do trabalho que misturaram-se às experiências fourieristas nas Américas. Prothero (1997) nos diz, por exemplo, que muitas das cooperativas operárias apenas puderam obter sucesso com a contribuição das mulheres, pois a elas cabia a tarefa de decidir sobre o que consumir e onde (PROTHERO, 1997, p.148). A participação feminina em manifestações públicas, nos protestos, na Inglaterra e na França, foi significativa e impactante, apesar de criticada pelos homens normalmente inclinados a compreensão de que as lutas da classe diziam respeito apenas aos homens (PROTHERO, 1997, p.227). Mesmo entre os sansimonianos e fourieristas levados pela própria matriz doutrinária a inclusão das mulheres em ações conjuntas, na prática pareciam mais propensos a acreditarem que as mulheres não estariam emancipadas o suficiente para suas missões, cabendo aos homens civilizá-las. O caso de Simone Voilquin é ilustrativo. Ao tomar parte da comunidade sansimonista de Mènilmontant teria descoberto sua vocação para a formação de quadros em virtude de uma eloquência natural e pela paixão em dirigir-se ao público. Entretanto, o chefe da seita, Enfintin, privou-a desta participação.

As informações sobre Bachelet são quase inexistentes e as poucas pistas que encontrei contribuem para cercar esta personagem de uma aura de mistério. Além dos testemunhos que ela própria fornece a respeito de sua trajetória, outras poucas informações foram extraídas da imprensa fourierista de Paris que chega a por em dúvida a existência da autora ao levantar a suspeita de que a brochura escrita por ela teria, na verdade, sido publicada sob um pseudônimo com o intuito de fazer a propaganda do falanstério brasileiro. Por trás da pena de Bachelet estaria a mão do empreendedor do falanstério do Saí, o médico homeopata Jules Benoit Mure como o verdadeiro autor. Estas suspeitas são de difícil comprovação, mas até o momento pelas pesquisas que pudemos fazer tudo leva a crer que sejam falsas, entre outras coisas, pelo fato de não se

ter notícia ainda de Benoit Mure ter visitado o Uruguai, em segundo lugar, por uma evidente diferença de estilos numa comparação entre os escritos de um e de outro e, finalmente, porque a leitura da obra de Bachelet gera a impressão, pelas colocações que faz, pelas imagens que cria, de ter sido gestada de fato, por uma alma feminina⁴. Uma hipótese mais forte é a de que a autoria do texto possa ser atribuída à Mme Dalibert, apresentada na documentação sobre os acontecimentos do Saí de maneira preconceituosa como uma intrigante, cantora de ópera e amante de Mure, pois este sendo casado na França abandonara a esposa pela amante com quem se refugiara nas florestas do Saí para viver na vergonha longe dos olhares da sociedade. De fato, a ligação de ambos com a brochura pode ter existido porque publicada em 1842, teve duas editoras diferentes, uma a Pommeret & Guenot e outra da Agence Coloniale du Brèsil, rue des Prouvaires, 8, Paris. Talvez esta última possa ter alguma relação com Benoit Mure que patrocinou a vinda dos operários franceses para o Brasil. Por outro lado, uma pesquisa preliminar nos arquivos franceses indicam a existência de um nome Louise Bachelet para o século XVII e uma segunda Louise Bachelet nascida no norte da França em 1813 que talvez seja quem procuramos. Seu pai era Auguste Bachelet e sua mãe Philippine Voisin. Em 1851 teve um filho a quem deu o nome de Jules Auguste Bachelet, coincidentemente o nome Jules faz parte também do nome de Benoit-Jules Mure. Sobre a agência ainda não obtive nenhuma informação. Como vemos, esta história é instigante até mesmo pela aura de mistério que a cerca. Os registros de entrada de estrangeiros no Brasil publicados pelo Arquivo Nacional do Rio de Janeiro não indicam o nome de Dalibert, mas registram a entrada de Benoit Mure no país acompanhado de uma sobrinha Isabelle Cretiat sobre a qual nada sabemos e de uma criada cujo nome não aparece. Sobre Dalibert existe nos arquivos da Academie Française, uma carta escrita à Balzac; na Bibliothèque Nationale de Paris, uma pequena brochura publicada nos anos 30 do século XIX que narra a vida do Dr. Mure quando viveu em Palermo e uma obra dedicada a uma comparação entre Swedenborg, Gall e Fourier cuja tentativa seria a de uma aproximação entre ciência e religião com o propósito da busca da felicidade e da harmonia para a humanidade.

⁴ Por exemplo, quando comenta que foi obrigada a colocar nos cabelos a imagem do ditador Rosas e a reverenciar a imagem detestada dele quando transportada pelas ruas e exposta nas Igrejas ao lado da imagem de Cristo. Ou ainda quando descreve as emoções de que foi tomada ao encontrar os companheiros no falanstério do Saí “Eu beijei a areia da praia, se acaso várias senhoras que acorreram não me tivessem recebido em seus braços, e ajudado, o excesso de alegria me teria sem dúvida privado do uso dos meus sentidos”. (BACHELET, op. Cit. PP. 4 e 8.

Dalibert e Mure, depois de uma convivência aparentemente bem produtiva, transitando entre a militância fourierista e os Novi-Jerusalemistas adeptos de Swedenborg, se separaram em algum momento, pois Mure aparece ligado à Sophie Liet no final de sua vida.

A militância de Bachelet não parecia um caso isolado naquele momento. De fato, com o crescimento súbito da miséria, o nascimento das ferrovias e o desenvolvimento dos transportes marítimos a tendência para o deslocamento de pessoas de um continente a outro aumentou no decorrer de todo o século XIX. No que tange à participação feminina neste percurso destacam-se vários nomes, entre eles o de Maria Graham que também passou pelo Brasil. Sem considerarmos os problemas propostos pelos estudos que normalmente tratam das imigrações, apontando geralmente para as causas de fundo econômico, há na militância socialista e republicana da primeira metade do século XIX uma ampla participação das mulheres, como ilustram os casos das sansimonianas e das fourieristas impulsionadas por motivações de caráter político, incluindo-se nisto a necessidade de libertação da mulher. Uma das grandes personalidades do período cujas atividades abarcaram a Inglaterra, França e o Peru, foi Flora Tristan que junto com Bachelet constitui um bom exemplo de Internacionalismo fora da periodização tradicional. Se no caso de Flora Tristan as informações são substanciais em virtude até da extensa produção escrita que nos legou, para o caso de Bachelet, infelizmente, pouca coisa existe. Mas, o interesse em escolher justamente esta militante como um objeto de análise reside no fato de projetar a singularidade do caso de Bachelet no conjunto de uma militância feminina ligada aos movimentos socialistas do período das quais extraímos já informações na documentação e na bibliografia sobre o assunto.

Se o caso de Bachelet impõe a reflexão sobre gênero, recoloca sob outros termos também uma reflexão sobre classe quando verificamos tratar-se de uma intelectual. Para o período que analisamos em que o mundo do trabalho artesanal ainda não havia sido totalmente demolido, a distância entre o trabalho e o grau de instrução parecia mais curta, sobretudo no que tange ao trabalho especializado. Apesar das dificuldades em precisarmos os índices de analfabetismo em diferentes países para o período, autores como Hobsbawm, em estudos distintos, afirmam que em muitos países esta é uma realidade incontestável entre os operários embora seja digno de nota o caso de setores específicos, como sapateiros e tipógrafos, com altos índices de alfabetização. De todo

modo parece significativo nos lembrarmos do papel relevante da educação no meio operário da época, não apenas no que diz respeito ao ofício propriamente dito, mas sobretudo para a emancipação da classe, vide exemplo das propostas de autodidatismo de Jacotot. Evidentemente, mais uma vez, nos é impossível medir o grau de aproximação entre a vontade militante da educação da classe e a realidade da classe então, devemos considerar como relevante o fato de que muito do que está registrado sobre o mundo do trabalho provém dos alfabetizados, na maior parte então, das lideranças e talvez não do grosso do movimento operário. Entretanto, a historiografia recente, sobretudo os estudos de Roger Chartier (CHARTIER, 2004, DELACROIX, DOSSE & GARCIA, 2005), nos auxiliam a uma revisão deste problema a partir da compreensão da leitura e do texto como construção coletiva, independentemente da condição do receptor que se torna, de toda maneira, co-autor, isto é sujeito ativo e não passivo, na construção/interpretação de textos. Dentro desta perspectiva na formação da classe o papel da alfabetização e a distância entre trabalho manual e trabalho intelectual no bojo da classe diminuem. Provavelmente, Louise Bachelet dirigisse a sua palavra aos imigrantes operários, aparentemente oriundos dos ofícios especializados e que saíam de seu país de origem em virtude do dismantelo das garantias antes oferecidas pelas antigas tradições de ofício. Esses operários formavam a vanguarda do movimento fourierista em diferentes regiões na França.

Passemos então ao nosso segundo caso, o do dr. Jules Benoit Mure. Sobre ele as fontes são mais generosas, apesar de não exaustivas, como de praxe. Nascido em Lyon, na França em 1809, participou do movimento sansimoniano em 1830 convertendo-se, em seguida a uma corrente dissidente do fourierismo. Em 1839 veio ao Brasil como cabeça da experiência da Colônia Industrial do Saí, nome dado ao falanstério brasileiro inaugurado em 1840 com operários franceses no Saí (SC). Mure poderia representar o típico intelectual boêmio, contestador do *establishment*, apegado às formas de conhecimento não acadêmicas (hidroterapia, homeopatia) e esoterismos e dissidências religiosas e ocultismos. Esses conhecimentos foram fundidos numa compreensão particular de socialismo dentro do fourierismo com uma inclinação humanista cristã. Através desta lente eclética lia os princípios do universalismo de Fourier e a comunidade do falanstério fourierista.

Não voltarei aqui à experiência do falanstério do Saí, pois dei extensão ao assunto na minha tese de doutoramento. Prefiro voltar a minha atenção a outros dados que reuni sobre a militância de Benoit Mure em pesquisas realizadas depois da conclusão daquele trabalho. O enfoque que pretendo dar é sobre as questões enfrentadas por Mure quando veio ao Brasil para difundir o socialismo e, ao mesmo tempo realizá-lo. Enquanto médico, escritor e homem de posses, Mure empregou todos os seus recursos na tentativa da transformação social. Inicialmente, como empreendedor do falanstério do Saí, depois como médico e militante socialista na cidade do Rio de Janeiro. Ali estabeleceu residência nas matas do Morro do Castelo, lugar afastado e freqüentado pelos negros refugiados. Deste refúgio saía apenas para as consultas médicas realizadas em seu consultório na Rua São José e para os compromissos de aulas e palestras que ministrava na Escola de Homeopatia que fundou e círculos de discussão que estabeleceu na Corte ao redor das doutrinas de Hahnemann, Fourier e Jacotot. Através do seu legado escrito podemos abordar a peculiaridade de suas convicções e por meio de uma pesquisa mais extensa descobrir futuramente, a abrangência social das práticas que inaugurou.

Através do jornal *O Socialisata da Província do Rio de Janeiro*, publicação que assumiu juntamente com João Vicente Martins, um cirurgião lisboeta radicado no Rio de Janeiro e seu colega, estabeleceu uma imprensa de conteúdo social. Os temas ali abarcavam desde a problemática indígena, passando pela escravidão, educação da juventude pobre, a educação feminina, até formulações práticas de princípios teóricos do socialismo fundado no mutualismo e na reformulação das relações internacionais entre a Europa e as Américas. Ao aperceber-se inclusive que as condições do país limitavam a extensão que pretendia dar à propaganda socialista, incrementou as publicações e estabeleceu escola e centro de discussão científica que apesar de atraírem a elite carioca e intelectuais de classe média, não pareciam restritas a este meio. Desenvolveu, por exemplo, uma cartilha difundida nas fazendas distantes, contendo instruções a respeito de como tratar da saúde dos homens e dos animais com o uso da homeopatia. Com esta ação ele visava, sobretudo, uma melhora nas condições de vida do escravo e no declínio de sua mortandade. No contexto brasileiro de crescente suspeição sobre o socialismo depois dos eventos de 1830 na Europa, vejo como preventiva a alegação de Mure sobre as vantagens econômicas (e não políticas) de manter a saúde do escravo. Sobre isto, existem registros interessantes. O seu consultório atendia gratuitamente os pobres em dias determinados da

semana e nestes atendimentos os alunos da escola de homeopatia estavam engajados tanto quanto Mure e os demais professores. Para manter o atendimento gratuito Mure utilizou-se de algumas estratégias, como a publicação da Folhinha Homeopática cujo produto total das vendas empregava-se no atendimento aos pobres. Distribuída gratuitamente aos pobres e remetida a todas as províncias, a Folhinha alcançou fama internacional e uma tiragem de 20.000 exemplares. Deste impresso resta apenas um exemplar na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e destinada ao ano de 1846. Ali encontra-se a reprodução de um estatuto curioso da Companhia de Seguros da Vida de Escravos tratados homeopaticamente, denominada Prosperidade, estabelecida sob auspícios do Instituto Homeopático do Brasil, e com sede na rua São José, nº59. Com data de fundação em 15 de outubro de 1845, a sociedade possuía como membros administradores o Sr. José Vitorino dos Santos, o Dr. João Vicente Martins e Egídio Taloni. Como fiscais o Visconde de Olinda, senador Candido José de Araújo Viana, desembargador Egídio de Queiroz Coutinho Mattoso da Câmara do Rio de Janeiro e como diretor-gerente Benoit Mure. Na verdade, desde o dia 4 de julho de 1845 a companhia já havia sido formada com um capital de 200 contos de réis e 400 ações de 500 réis cada uma das quais 100 foram compradas. A idéia era tomar como base os seguros convencionais feitos normalmente pelos empresários para preservar do risco os seus capitais, porém com um objetivo diferente, salvaguardar a vida do escravo. Havia então, a necessidade de convencer aos senhores a investirem na saúde do seu escravo, pois, como aponta Mure, “toda indústria brasileira, quer agrícola, quer manufatureira, está baseada num capital cuja segurança é a mais difícil, cujo valor é o mais variável, cuja existência é a mais sujeita a incalculáveis riscos. Bem se vê que falamos da escravatura”. (Folhinha Homeopática, para o ano de 1846, p. 33). O argumento de que no Brasil a base da riqueza é o escravo e que a necessidade de tratá-lo melhor cresce na proporção das dificuldades de importação de mão de obra e também das leis que favoreciam o escravo como indicativo de uma mudança nos costumes, formava a justificativa da associação proposta por Mure. Esta não teria sido a única iniciativa de Mure na direção de atenuar os horrores da escravidão. Em uma fala dirigida ao imperador Pedro II lembrava que a escravidão era “horível e impolítica” e prometia desenvolver no país máquinas agrícolas para superar o uso do trabalho escravo e proporcionar uma melhor condição de vida para todos.

Difícil sabermos se a Sociedade Prosperidade de fato funcionou, mas sabemos do atendimento gratuito ao pobre nos consultórios de homeopatia e os registros de mortalidade decrescentes. De agosto a setembro de 1845, morreram nas freguesias da corte 12 pessoas tratadas homeopaticamente e 194 tratadas alopaticamente. (*O Socialista da Província do Rio de Janeiro*, 29 de setembro de 1845). Mure lamentava os índices alarmantes da mortalidade no Brasil, sobretudo de jovens e escravos por doenças como as bexigas, o cólera, ou ainda por alimentação deficiente, trabalhos exaustivos ou castigos físicos.

Um ponto essencial para a construção de um mundo em harmonia para o Dr. Mure, a reunião do nível material da vida com o moral item importante para a mudança dos costumes vigentes da sociedade brasileira. A educação da mulher, da juventude e dos pobres parecia fundamental. Para os socialistas em geral, a educação representa um direito, como o acesso ao trabalho também o é. Assim, o jornal *O Socialista da Província do Rio de Janeiro* do dia 4 de agosto de 1845, em artigo assinado por E. T., que suspeitamos tratar-se do fourierista Eugene Tandonnet,⁵ noticia que a solução para a educação dos órfãos, jovens pobres, enjeitados e abandonados, bem como a solução para o desemprego, seria a formação de colônias agrícolas. Esse modelo teria a vantagem de substituir as esmolas que além de insuficientes e degradantes não solucionam o problema.

Em Mure e no jornal *O Socialista da Província do Rio de Janeiro*, encontramos o embrião do mutualismo. Não estava no horizonte do Dr. Mure projetar associações

⁵ Eugene Tandonnet era fourierista e na década de 1840 esteve em Montevídeo. As relações entre ele e Benoit Mure não estão suficientemente claras, porém, encontramos na documentação sobre o falanstério do Saí passes concedidos por Mure a colonos que deixavam o Saí em direção a Montevídeo. Bachelet faz menção a um fourierista de Montevídeo criticando-o nos seguintes termos: “Eu ficara mesmo estupefata com a frieza de um jornalista falansteriano que eu tinha encontrado em Monte-Video, e que eu acreditava pleno de um fogo inextinguível; que pena! O apostolado havia esmorecido diante dos interesses de um pequeno negócio. A sumidade falansteriana tinha sido presa de uma paixão inacreditável pelo comércio enganador, e não mostrara a menor simpatia pela efervescente manifestação do Saí” Acreditamos que Bachelet se referisse a Tandonnet, pois ele publicava o *Le messenger français*, onde fazia propaganda fourierista. O texto de Bachelet foi publicado em 1842 e os artigos no *O Socialista da Província do Rio de Janeiro* aparecem em 1845 quando vem ao Rio de Janeiro e participa dos círculos fourieristas na cidade publicando no jornal e dirigindo a *Revue Socialiste*. Durante o tempo em que esteve em Montevídeo, foi a Buenos Aires entrevistar-se com Rosas na tentativa de convertê-lo ao Fourierismo. Na opinião de Sarmiento, de quem era muito amigo, ele havia confundido o ditador com um Cincinato. Uma opção errada que o fez inclusive participar de um periódico rosista que criticava o *Dogma Socialista* de Echeverria. Em virtude disto, se tem criticado os fourieristas como adeptos do autoritarismo, entretanto vê-se que Bachelet reclama justamente dos desvios de Tandonnet. Sobre Tandonnet ver: ABRAMSON, Pierre-Luc. *Las utopias sociales en América Latina en el siglo XIX*, México: Fondo de Cultura económica, 1999, PP. 137-140.

exclusivamente operárias, pois de acordo com os princípios do fourierismo os antagonismos de classe levam a conseqüências desastrosas. Estamos falando de uma geração que viveu a revolução francesa e, em virtude das dificuldades por que passou viu na revolução um grande prejuízo para a sociedade pelas violências, pela fome e escassez e pelos próprios resultados que não beneficiaram aos pobres, ao contrário, acentuaram a miséria.

Em contraste com as posições assumidas pelo Dr. Mure, houve também a presença no Brasil do engenheiro francês Louis-Léger Vauthier. Ele havia sido chamado ao Recife pelo governo para gerir reformas urbanas que hoje sabemos, privilegiavam as elites conservadoras locais (McCORD, 2009; MARSON, 2009). As notícias sobre essa presença foram inicialmente registradas por Gilberto Freyre que recebendo de Paulo Prado o Diário do engenheiro que havia encontrado em Paris, resolveu publicá-lo apresentando Vauthier como um socialista. As teses sobre Vauthier como um participante ativo do movimento fourierista continuam difundidas em estudos recentes, porém nas pesquisas que pude levar até o momento nos arquivos fourieristas na França e no próprio movimento fourierista no Brasil, acredito que estas hipóteses se ressentem de uma comprovação empírica. Nos arquivos fourieristas não há indicação de proximidade de Vauthier com as lideranças da École Sociétaire, exceto uma eventual relação com Cantagrel, este sim, próximo dos círculos fourieristas. Vauthier menciona no seu diário uma correspondência com Cantagrel para quem passa informações sobre o estado da propaganda no Recife. Cantagrel envia a ele jornais fourieristas e brochuras para a difusão das idéias do movimento. Mas, a prática de Vauthier não fornece indicativos de uma militância de fato fourierista, uma vez que o propósito da sua vinda ao país, com ele mesmo declarou, seria o rápido enriquecimento e retorno à França o mais rápido possível. Ao contrário da defesa dos interesses sociais, aliou-se às elites no poder no intuito, entre outras coisas, do dismantelo das tradições dos artífices na cidade com vistas à liberação da mão de obra para o uso em obras públicas com salário inferior (McCORD, 2009, MARSON, 2009). Como propagandista do fourierismo, inclusive, sua participação parece pequena, pois pouco contribuiu na revista *O Progresso*, editada por Antônio Pedro Figueiredo no Recife e, o que escreveu aproxima-se mais da versão liberal que alguns discípulos de Saint Simon desenvolveram sobre a obra na sua matriz. Além disto, no seu Diário, Vauthier pode falar livremente sobre temas cujas opiniões contrastam

francamente com as de Fourier, temas estes, inclusive, muito debatidos dentro da Escola Societária como a libertação da mulher e a questão da escravidão. No Brasil, o engenheiro tomou como amantes algumas mulheres para satisfação momentânea de seus impulsos sexuais e sobre as mulheres negras emitiu uma opinião de cunho senhorial ao referir-se a uma negra especificamente que poderia servir de boa parideira para o seu senhor. Porém, podemos dizer que, de uma maneira geral, Vauthier desenvolveu uma visão preconceituosa da cultura e da sociedade brasileira. Comentou, por exemplo, sobre a natureza pródiga do Brasil e a preguiça do povo que não pensa em transformar esse dom natural em riqueza. Todas estas opiniões se apartam das conclusões do próprio Fourier em cuja obra desenvolve uma reflexão sobre a condição da mulher no mundo contemporâneo e o problema da abolição da escravatura tanto dos negros no mundo colonial, como da humanidade em geral no que chama de mundo civilizado. Sobre o problema da escravidão, inclusive, Fourier separou completamente a condição da escravidão do problema da raça. Eis alguns pontos que nos fazem crer na falta de atenção de Vauthier aos pressupostos teóricos do fourierismo e conseqüentemente, na nossa opinião, a um afastamento da prática da militância fourierista no falanstério do Saí e na cidade do Rio de Janeiro. Enquanto Vauthier possuiu escravos no Recife (MARSON, 2009), Mure, os falanstérios do Saí e Bachelet, lutavam pela liberdade.

Conclusão

A recuperação aqui de diferentes perfis de militantes associados ao socialismo e ao movimento operário na primeira metade do século XIX impõe algumas reflexões. Antes de mais nada, as próprias condições do mundo do trabalho entre as revoluções de 1830 e 1848 e os impactos destes acontecimentos para fora das fronteiras da Europa. Os operários imigrantes que se dirigiram para a América do Sul alegavam, através da imprensa fourierista, que lhes vinha sendo negado um direito essencial, que era o direito ao trabalho, acompanhado também das perseguições políticas em virtude do apoio aos levantes da década de 1830 ou da militância na imprensa socialista e círculos de debates socialistas. Na impossibilidade de resolução dos problemas da miséria e da opressão acalentaram a idéia de reconstrução da história em outro lugar. Sobre isto é a própria Louise Bachelet quem afirma que “A comuna-modelo de Fourier, que parece ter sido

concebida para estas terras virgens, onde as sociedades humanas podem formar-se fora de todos os precedentes e de todos os abusos do velho mundo”. Ao menos para Bachelet, esta visão idealizada da América do sul logo se desvanece perante o confronto com o “regime sanguinário do restaurador” Rosas.

A experiência fora da Europa favoreceu o contato com realidades anteriormente apenas discutidas num plano teórico ou visto como distante. A principal delas seria a escravidão. Já na França os fourieristas desenvolveram projetos vislumbrando a solução do problema para as colônias francesas na África e no Caribe, mas a vinda para o Brasil os colocava em contato próximo com a realidade dos escravos e dos indígenas, bem como com um patronato cujo perfil desenhou-se de forma totalmente inesperada. O caudilhismo, o caciquismo e o coronelismo eram a expressão mais crua da lei do pão e do pau. No lugar dos direitos, o julgo das populações pobres ao poder dos proprietários erigido em lei. A aproximação com os negros e com os índios talvez se desse permeada por tensões e desconfiança, como tradicionalmente acontecia entre esses grupos e os brancos no Brasil. Sobre isto quase nada foi registrado. Entretanto, através da imprensa socialista e dos escritos que nos foram legados pelos fourieristas, conhecemos suas idéias e práticas acerca da escravidão e da necessidade da abolição. No jornal *O Socialista da Província do Rio de Janeiro*, foram divulgadas matérias de denúncia de maus tratos a escravos e também de incentivo aos índios da aldeia São Pedro que se recusavam a abandonar as terras que ocupavam sob alegação de que as suas próprias haviam sido subtraídas pelos brancos no passado. Se parecia fora do alcance de Mure e outros fourieristas uma solução rápida para a escravidão, optou-se por levantar no Brasil o debate sobre o social, sobre a associação e formação de sistemas de mutuais que resolvessem o problema da educação da juventude e da infância abandonada.

A convivência com a escravidão dos negros e a situação do indígena podem ter contribuído para uma nova visão a respeito do trabalho livre, uma vez que a rotina dos escravos pouco se diferenciava daquela dos operários naqueles tempos. Isto pode ter recrudescido o idealismo de Derrion, por exemplo, que mesmo vivendo no Rio de Janeiro nos limites da miséria não pretendeu, como outros, retornar à França. Ou mesmo Benoit Mure que optou por seguir para o Egito e lá fundar uma comunidade inspirada em Hahnemann e Fourier. A crítica liberal ao contato de outros povos com o socialismo e a democracia aponta que os militantes ignoram o degrau que separa a civilização da

barbárie e “pretende levar a verdade democrática ao deserto, dotar o Índio de direito eleitoral e discipliná-lo nas manifestações patrióticas à européia [...] como o querem os fourieristas, e estendendo as ramificações de seu império às ilhas desconhecidas e aos continentes despovoados para fazer ali germinar a *idéia*” (MAZADE, 1852, p. 642). Com esta percepção se condenava a universalização do socialismo pelo fato de ter emergido a partir de uma experiência histórica irrepetível, portanto tomado como inadequado para o grau de desenvolvimento da América do Sul. Mas na ótica da militância fourierista foi justamente a necessidade de se interromper o curso da história e evitar fazer no Novo Mundo o mundo civilizado o motivo da ação. O objetivo era passar diretamente para a fase da harmonia e prosperidade preconizada por Fourier. Para eles, o desenvolvimento do socialismo em teoria e prática não dependia do estágio do desenvolvimento do antagonismo de classes, era preciso realizar a *idéia* em qualquer lugar, porque da primeira experiência emanaria uma transformação universal.

Em vários pontos notamos que o fourierismo antecipou discussões retomadas pela tradição da esquerda posteriormente. Além do que já foi dito, uma preocupação com a mulher, a criança, o idoso e o doente em busca de direitos.

Apesar dos limites que apontamos, sem dúvida nenhuma então, podemos dizer que este impulso investigativo sobre as militâncias veio a transformar as perspectivas metodológicas da historiografia em muitos sentidos: em primeiro lugar, pela retomada das biografias deslocadas de uma visão tradicional, isto é, elegendo como objeto não mais personagens ilustres da vida pública, mas aqueles que desprovidos de uma árvore genealógica passariam a adquirir agora a sua e com ela um espaço na própria história e na memória das sociedades. Além disto, estas novas tentativas de estudos biográficos privilegiariam não a criação de um retrato estático propriamente dito, dos personagens em questão, mas a tentativa de construção de um modelo que procurasse trazer à luz o militante e o universo operário com o qual se relaciona e/ou no qual está imerso. Na primeira metade do século XIX a experiência internacional da classe confrontou o operariado com as questões de caráter étnico, político e econômico mais específicas e exigiu adaptações. Os fourieristas localizados na América espanhola precisaram adaptar-se a disseminação do ideário independentista e republicano. No Brasil, à Monarquia e ao conservadorismo. Esta situação os fez incluir o escravo no centro das preocupações socialistas e incluir na pauta das discussões novos sentidos de socialismo, como, por

exemplo, uma igualdade de condições entre as diferentes nações, matéria anteriormente presente nas reivindicações dos independentistas.

No que diz respeito à Internacionalização do movimento operário, é sabido que passa a ser reconhecida enquanto tal apenas a partir da realização da Primeira Internacional erigida em marco numa cronologia do movimento operário. Isto explicaria os raros estudos com enfoque desta natureza para períodos anteriores a 1860, pois do ponto de vista teórico não se reconheceria a estes deslocamentos humanos um caráter classista, atribuindo-se a eles uma inspiração mais voluntarista, espontânea e pautada numa tradição universalista herdada do Iluminismo francês. Os estudos de E.P.Thompson contribuíram para uma revisão dos paradigmas teórico-metodológicos implícitos em interpretações como estas, pois ao dedicar-se a análise das sociedades pré-industriais encontrou novas formas de se dirigir ao problema das relações entre a vida material e a consciência social. Tudo isto acarretou uma revisão da cronologia nos estudos do Mundo do Trabalho, dos objetos analisados e do padrão clássico das interpretações correntes até então, pautados na dicotomia tradicionalmente aceita do tipo classe em si/classe para si como sendo o padrão de reconhecimento das ações do operariado legitimadas por partidos e sindicatos. A abertura proporcionada por este enfoque permite que compreendamos com outros olhos a vinda para a América do Sul de mazzinianos na década de 1820, dos fourieristas, sansimoneanos e cabetistas entre os anos de 1840 e 1850, bem como um movimento contrário de intelectuais sulamericanos buscando na Europa um contato com as escolas de Saint Simon e de Fourier, cuja influência se fez notar nos movimentos sociais no Brasil, na Argentina e no Uruguai

Uma segunda questão que mobiliza a iniciativa da minha pesquisa é que tradicionalmente o universo da classe vinha sendo pensado enquanto um universo masculino e, embora recentemente a problemática do gênero tenha despertado o interesse dos pesquisadores do Mundo do Trabalho, os estudos destinados a uma investigação do gênero na perspectiva da classe ainda precisam ganhar vulto, apesar da indiscutível qualidade apresentada pelas recentes publicações e que inspiram a minha própria investigação (BILHÃO, 2008; LOBATO, 2007). Casos como o da tentativa de abuso de uma jovem francesa agregada ao falanstério do Saí, pelo coronel Camacho, dono das terras onde se encenava a experiência, parecem ilustrativos da recusa das mulheres em servirem como objeto dos caprichos masculinos.

Bibliografia

- ABRAMSON, Pierre-Luc. *Las utopias sociales em América latina em El siglo XIX*, México: Fondo de Cultura Econômica, 1999.
- ABREU e LIMA, José Inácio de. *O Socialismo*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- BACHELET, Louise. *Phalanstère du Brésil. Voyage dans l'Amérique meridional*, Paris: chez tous les libraires et à l'agence coloniale du Brésil, rue des Prouvaires, 8, 1842.
- _____. *Phalanstère du Brésil. Voyage dans l'Amérique meridional*, Paris, Imprim. de Pommeret et Guenot, 1842.
- BATALHA, Cláudio H. de M. (org.) *Dicionário do movimento operário: Rio de Janeiro do século XIX aos anos de 1920, militantes e organizações*, São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.
- BEECHER, Jonathan “Fourier et Francia: une lettre inedited” in *Cahiers Charles Fourier*, nº3, Besançon: Association d'Études fouriéristes, 1992. Pp.3-9
- BILHÃO, Isabel Aparecida. *Identidade e trabalho: uma história do operariado porto-alegrense (1898 a 1920)*, Londrina: EDUEL, 2008
- CARELLI, Mario. *Culturas cruzadas: intercâmbios culturais entre França e Brasil*, São Paulo: Arquivo do estado, 1944 (Col. Documentos brasileiros, nº6)
- CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*, São Paulo: Editora da Unesp, 2004.
- CHACON, Vamireh. *Abreu e Lima General de Bolívar*, Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Paz e Terra, 1983.
- DELACROIX, C., DOSSE, F. & GARCIA, P. *Les courants historiques em France, XIXe-XXe siècle*, Paris: Éditions Armand Colin, revista e aumentada, 2005 (Col. Folio histoire, 158)
- DEMÉLAS, Marie-Danielle (org) *Militantisme et Histoire* Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2000.
- DESANTI, Dominique. *Flora Tristan: La femme révoltée*, Paris: Hachette, 1972.
- DUMAS, Claude (org) *Les mythes et leurs expressions au XIXe siècle dans le monde hispanique et ibero-américain*, Lille: Presses Universitaires de Lille, 1984
- GALLO, Ivone. “A Aurora do Socialismo: fourierismo e o Falanstério do Saí”. Tese de doutoramento em História, campinas: IFCH/Unicamp, 2002
- _____. “O Socialismo no Brasil do século XIX: uma análise do jornal *O Socialista da Província do Rio de Janeiro*” Congresso da Latin American Studies Association (LASA), Rio de Janeiro 11-14 de junho de 2009.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*, São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GONÇALVES, Adelaide. “As comunidades utópicas e os primórdios do socialismo no Brasil” in *E-Topia: revista Eletrônica de estudos sobre Utopia* nº2 (2004)
- HÄHNER, June E. *Women through women's eyes: Latin American women in nineteenth-century travel account*, Wilmington, Delaware: A Scholarly Resources Inc. Imprint, 1998 (Latin American silhouettes)
- JONG, R. “Arquivos e História Social” in *Cadernos AEL: arquivos e memória/ Arquivo Edgar Leuenroth*. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade estadual de Campinas, nº 5/6 (1996-1997). Campinas (SP): AEL, 1997, pp. 9-36.
- LEJEUNE-RESNICK, Evelyne. *Femmes et Associations (1830-1880)* Paris: Publisud, 1991
- LINDEN, Marcel van der. *Workers of the world: essays toward a global labor history*, Leiden/Boston: Brill, 2008
- LOBATO, Mirta. *Historia de las trabajadoras en la Argentina (1869-1960)*, Buenos Aires: Edhasa, 2007 (Ensayo Histórico)

- McCORD, Marcelo. “Os mestres de obras pernambucanos e a presença de Vauthier no Recife”, *Anais do Colóquio Interdisciplinar Pontes&Idéias Louis-Léger Vauthier*, Recife (PE), outubro de 2009, CD-ROOM.
- MARSON, Isabel. “Política, engenharia e negócios: a polêmica atuação do engenheiro Vauthier na Repartição de Obras Públicas de Pernambuco (1840-1846)” *Anais do Colóquio Interdisciplinar Pontes&Idéias Louis-Léger Vauthier*, Recife (PE), outubro de 2009, CD-ROOM.
- MAITRON, Jean. “La personnalité du militant ouvrier français dans la seconde moitié du XIXe siècle” in *Le mouvement social* n° 33/34, oct. 1, 1960, pp 67-86.
- _____ (coord), *Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier français*. Paris: Éditions Ouvrières. (1964-1974)
- MAZADE, Charles. “Le socialisme dans l’Amérique du sud”, *Revue des deux mondes*, avril-juin 1852 (Nouv. Période, t. 14) PP 641-666.
- MOSES, Claire Goldberg e BABINE, Leslie Wahl. *Feminism, Socialism and French Romanticism*, Bloomington e Indianapolis: Indiana University Press, 1993
- MURE, Jules Benoit. *La Philosophie Absolue*, edição póstuma, revisada e atualizada por Sophie Liet, Paris: Librairie Moderne, 1884
- ORBIGNAY, Alcides Dessalines d’. *Voyage dans l’Amérique Méridionale (Le Brésil, La République orientale de l’Uruguay, La Patagonie, La République Argentine, La République Du Chili, La République Du Peru, La République de Bolívia)*, execute dans *Le cours dès années 1826, 1827, 1828, 1829, 1830, 1831, 1832, 1833*, paris: F. C. Levrault, 1834
- PARIS, Robert. “Biographies et ‘profil’ du mouvement ouvrier. Quelques réflexions autour d’un Dictionnaire”, *Babilone*, (4), 1985.
- PILBEAM, Pamela. *French Socialists Before Marx: workers, women and the social question in France*, Montreal &Kingston/London/Ithaca: McGill-Queen’s university Press, 2000.
- PONCIONI, Claudia. *Ponts et idées Louis-Léger Vauthier un ingénieur fouriériste au Brésil Pernambouc (1840-1846...)* Paris: Michel Houdiard éditeurs, 2009.
- PROTHERO, Iorwerth. *Radical Artisans in England and France 1830-1870*, Cambridge, New York, Melbourn: Cambridge University Press, 2006.
- SCHMIDT, Benito Bisso. *Uma reflexão sobre o gênero biográfico: a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868-1945)*. Porto Alegre, Dissertação de mestrado de História: UFRGS, 1996.
- TARCUS, H. “Os arquivos do movimento operário, os movimentos sociais e as esquerdas na Argentina. Um caso de subdesenvolvimento cultural” in *Revista Perseu: história, memória e política/ Centro Sérgio Buarque de Holanda*. Vol. 1, nº 1 (2007), São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007, PP 261-286.
- THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros (uma crítica ao pensamento de Althusser)*, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981 (Col. Biblioteca de Ciências Sociais e Sociologia):
- VAUTHIER, Louis-Léger. *Diário íntimo do Engenheiro Vauthier 1839-1846*. Prefácio e notas de Gilberto Freyre, Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do ministério da Educação e saúde, 1940